

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL POR CRIANÇAS DE TRÊS ANOS: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DE WALLON

Bárbara Rainara Maia Silva; Silvia Helena Vieira Cruz.

Universidade Federal do Ceará. raianaraxd@gmail.com; silviavc@uol.com.br

Resumo

A Educação Infantil - primeira etapa da educação básica - compreende a creche e a pré-escola e tem por objetivo geral promover o desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos de idade. Apesar desse grande passo, sabemos que há um significativo distanciamento entre o estabelecido na legislação e o que vigora na prática. Não é de surpreender o fato de que a Educação Infantil ainda hoje enfrenta enormes desafios relacionados à ampliação do acesso e à qualidade da educação oferecida. Pesquisas revelam que a maior parte das crianças que frequenta a Educação Infantil é branca. Além disso, as alternativas educacionais onde se encontra maior número de crianças pobres são as mesmas onde se encontra maior número de crianças negras. Tais fatos evidenciam que há uma estreita relação entre o fator socioeconômico e o pertencimento étnico-racial. Em outras palavras: no Brasil, a pobreza tem cor. Mas as dificuldades enfrentadas pelas crianças negras no que se refere ao direito à educação não se encerram no acesso (ou melhor, na falta dele); elas se agravam ainda mais quando se trata da qualidade das experiências vivenciadas em tais espaços. No Brasil, embora seja bastante recente a discussão em torno do pertencimento étnico-racial no meio escolar e, especialmente, na Educação Infantil, pesquisas existentes indicam que crianças negras são vítimas de discriminação étnico-racial por parte de colegas e professores e que isso traz consequências que podem ser irreversíveis à autoimagem das mesmas. No presente trabalho, que é fruto de uma pesquisa de monografia, objetivamos analisar as contribuições de Henri Wallon para a compreensão do processo de construção da identidade étnico-racial por crianças em idade de creche. Visamos, portanto, contribuir com o debate acerca do pertencimento étnico-racial na Educação Infantil. A metodologia adotada é a análise bibliográfica, tendo Wallon como base teórica principal, uma vez que nos fornece subsídios para compreender a complexa dinâmica da construção da personalidade. Além disso, na revisão de literatura incluímos algumas das principais pesquisas já realizadas sobre a discriminação étnico-racial, com foco na Educação Infantil. Como resultados, temos que a construção da identidade se dá ao longo de toda a vida, no entanto, seus processos se acentuam na fase do personalismo que contempla os três aos seis anos de idade. Essa fase é marcada por comportamentos de oposição, sedução e imitação, de modo que a percepção da criança sobre si mesma é constantemente influenciada pelo outro significativo. Assim, é nas e pelas interações que a criança constrói sua autoimagem ou consciência de si e, nesse processo, as experiências na creche desempenham papel fundamental.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Infantil, discriminação étnico-racial, identidade.

Introdução

A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1996 asseguram que a Educação Infantil - que contempla a creche e a pré-escola - é a primeira etapa da educação básica, e tem por objetivo promover o desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos de idade (BRASIL, 1988 e 1996).

Apesar desses importantes marcos legais, sabemos que há um imenso distanciamento entre aquilo que está posto na legislação e o que vigora na prática. Dessa maneira, não é de surpreender o fato de que, ainda hoje a Educação Infantil enfrenta uma série de desafios no que diz respeito à ampliação do acesso e à melhoria da qualidade da educação oferecida pelas instituições.

Com relação ao direito de acesso, a pesquisa realizada por Levison (1989) no contexto do estudo *Child Care in Metropolitan Brazil* evidencia o impacto da raça na frequência a creches e pré-escolas em regiões metropolitanas (ROSEMBERG e PINTO, 1997, p. 49). Pesquisas como a de Kappel, Carvalho e Kramer (2001, p.43) reforçam tais dados, indicando que o número de crianças brancas que frequenta a Educação Infantil é superior ao de crianças negras¹. Pesquisas recentes como a de Pereira (2017, p. 133) também mostram a persistência dessa desigualdade de oportunidades educacionais: apenas 29, 3% das crianças negras têm acesso à creche, enquanto esse percentual chega a 37,7 % quando se trata de crianças brancas.

Mas as dificuldades enfrentadas pelas crianças negras no que se refere ao direito à educação não se encerram no acesso (ou melhor, na falta dele); elas se agravam ainda mais quando se trata da qualidade das experiências vivenciadas em tais espaços. Ausência de materiais, estrutura física inadequada, precariedade na formação de professores e educadores são apenas alguns exemplos. Na verdade, é nas alternativas educacionais de pior qualidade que encontramos maior proporção de crianças negras e crianças pobres (ROSEMBERG et. al, 1986, apud ROSEMBERG, 1996, p. 6; ROSEMBERG, 1991, p. 30, apud ROSEMBERG e PINTO, 1997, p. 50).

Tais dados evidenciam que existe uma intrínseca relação entre o pertencimento étnico-racial, fator socioeconômico e a qualidade da educação oferecida às crianças. Em

¹ Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a categoria negra abrange pessoas pretas e pardas.

outras palavras: no Brasil, a desigualdade tem cor e há, na sociedade, distintos lugares para negros e brancos (SILVA, 1992b, p. 123, apud ROSEMBERG e PINTO, 1997, p. 31). Esse contexto justifica a afirmação de Rosemberg (1991, p. 32, apud ROSEMBERG e PINTO, 1997, p. 50) de que, cria-se, “desde a creche, uma trajetória educacional dualista onde crianças negras iniciam uma história de experiências educacionais frustrantes e de segunda mão”.

Mas, dentre os vários fatores que prejudicam a qualidade da Educação Infantil, o que será focado neste trabalho é a discriminação² étnico-racial vivenciada por crianças negras desde a tenra idade. De fato, embora no Brasil seja bastante recente o debate em torno da discriminação étnico-racial no âmbito escolar e, especialmente, na Educação Infantil, pesquisas já feitas indicam que crianças negras são vítimas de discriminação étnico-racial por parte de colegas e professores.

Desde meados da década de 1990, por pressões de grupos sociais, como o Movimento Negro, começou-se a investir em pesquisas que abordassem essa temática. Contudo, boa parte dessas pesquisas focou o Ensino Fundamental e Médio (TRINIDAD, 2011), ratificando a ideia de que:

A bibliografia brasileira sobre a educação de crianças pequenas levando em conta o pertencimento racial é extremamente pobre, evidenciando tratar-se de um tema marginal tanto para a crescente produção sobre educação infantil quanto para os estudiosos da dinâmica racial (ROSEMBERG e PINTO, 1997, p. 42).

Um dos trabalhos que tiveram o importante papel de incitar essa discussão na área da Educação Infantil, foi o de Cavalleiro (1998). Ao investigar os processos de socialização de crianças em idade pré-escolar, a pesquisadora percebeu que crianças negras apresentavam autoimagem negativa, ao passo que crianças brancas com frequência assumiam atitudes discriminatórias. Concluiu, então, que, desde a Educação Infantil, a socialização das crianças negras conduz ao silêncio, à submissão e à subalternidade.

² “Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam” (GOMES, 2007, p. 55, apud BARROS, et al., 2011, p. 24).

Oliveira (2004), observando as práticas educativas da creche, percebeu condutas diferenciadas por parte das professoras em função do pertencimento étnico-racial. Às crianças brancas eram destinadas ações que ela chamou de “paparicação” (colocar no colo, beijar, chamar de “princesa”), enquanto às crianças negras tais ações eram praticamente negadas.

Mais raras ainda são as pesquisas que privilegiaram a perspectiva das próprias crianças acerca da identificação étnico-racial. Godoy (1996) e Trinidad (2011), por exemplo, ouviram crianças em idade pré-escolar a respeito desse tema.

Interessada em saber quais as concepções de crianças a respeito do pertencimento étnico-racial, Godoy (1996) percebeu que crianças negras enxergavam como negativos os atributos que revelavam seu pertencimento étnico-racial e, conseqüentemente, expressavam o desejo de assemelhar-se fenotipicamente a pessoas brancas.

Trinidad (2011) também chegou a conclusões parecidas quando buscou apreender se e como as crianças compreendem a identificação étnico-racial. Percebeu que, de modo geral, as crianças notavam as diferenças decorrentes do pertencimento e que as crianças negras verbalizavam o desejo de assemelhar-se a pessoas brancas.

Tais experiências constatadas repercutem de maneira negativa na construção da autoimagem de crianças negras, de modo que as conseqüências podem ser irreversíveis. O presente trabalho é parte de uma pesquisa sobre a construção da identidade étnico-racial de crianças de três anos no cotidiano da creche e tem por objetivo analisar as contribuições de Henri Wallon para a compreensão do processo de construção da identidade étnico-racial das que acontece nessa etapa da educação. Trata-se de uma reflexão necessária por ser a identidade étnico-racial uma dimensão importante do desenvolvimento integral da criança, objetivo da Educação Infantil.

Metodologia

Na pesquisa maior da qual o presente trabalho é um recorte, o objetivo geral é compreender como as experiências lúdicas podem contribuir para a construção da identidade étnico-racial de crianças de três anos no cotidiano de uma creche da rede municipal de ensino, donde se justifica a abordagem qualitativa, que, segundo Bogdan e Biklen (1982, apud

LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13), “ênfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Para o presente trabalho, que pretende analisar as contribuições de Wallon para a construção da identidade étnico-racial por crianças em idade de creche, foi utilizado como procedimento a pesquisa bibliográfica. Portanto, recorreremos a obras de Wallon e a trabalhos que trataram do tema da identificação étnico-racial na Educação Infantil.

Para compreender a complexa dinâmica do desenvolvimento infantil e, nesse processo, como se dá a construção da identidade, tivemos Henri Wallon como referencial teórico principal. As principais obras consultadas para ter uma visão mais global acerca da teoria psicogenética de Wallon foram *A evolução Psicológica da Criança* (WALLON, 2007), *As origens do caráter na criança* (WALLON, 1995), *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil* (GALVÃO, 2008) e *Henri Wallon* (WEREBE, M. J. G. e NADEL-BRULFERT, 1996).

Para aprofundar os conhecimentos acerca da discriminação étnico-racial na Educação Infantil, fizemos consultas a trabalhos já publicados nesta temática. Dentre esses trabalhos, podemos citar as investigações qualitativas e quantitativas feitas por Rosemberg (1996) e Rosemberg e Pinto (1997) e pesquisas que enfocaram o cotidiano da creche e/ou da pré-escola, como as de Godoy (1996), Cavalleiro (1998), Oliveira (2004) e Trinidad (2011).

Resultados e Discussão

No contexto de intensas discriminações ligadas ao pertencimento étnico-racial, o direito a uma educação integral, embora assegurado por lei, é muitas vezes violado. Aspectos como a construção da identidade, se não contemplados de maneira adequada pelas práticas pedagógicas que acontecem nas instituições de Educação Infantil, podem trazer consequências indeléveis para o pleno desenvolvimento da criança.

A teoria de Wallon fornece valiosa contribuição para a compreensão da construção da consciência de si pela criança. O projeto teórico de Wallon pode ser definido como psicogênese da pessoa completa (GALVÃO, 2008, p. 32), pois através de uma perspectiva integrada do ser humano, ele buscou compreender o psiquismo desde sua gênese. Antes de adentrarmos na questão da

construção da identidade pela criança em idade de creche, faz-se necessário fixar alguns conceitos pertinentes a esta teoria, de modo geral.

O conceito de infância se afasta sobremaneira daquele que geralmente é empregado por leigos ou mesmo pelas próprias instituições de Educação Infantil. Ao invés de considerá-la como um mero estado provisório, numa perspectiva reducionista e de devir, o autor concebe a infância como um estado dotado de peculiaridades e com valor em si mesmo, absolutamente indispensável ao pleno desenvolvimento do sujeito. Isto é, a criança não se limita a uma espécie de projeto de adulto; mais do que o vir a ser, ela é também o próprio ser (WALLON, 2007). Deste modo, diz-se que cada idade da criança se constitui numa obra construída e em construção (WEREBE, e NADEL-BRULFERT, 1986).

Wallon considera que o desenvolvimento infantil parte de um estado de total socialização em direção a uma crescente individuação (GALVÃO, 2008). No início da vida, o bebê é incapaz de se diferenciar das pessoas e dos objetos presentes no meio, por isso se vê como que fundido a tudo e a todos, numa espécie de sincretismo³. É somente gradativamente e a partir das interações, que o sujeito passa a se reconhecer como parte diferenciada do meio em que se insere, ou seja, consegue separar o *eu* do *não-eu*.

O conceito de meio é central em Wallon. Usado sempre no plural, remete aos vários espaços (materiais e imateriais) de que a criança dispõe para se desenvolver (WALLON, 2007). São exemplos: a família, a escola, os valores, a religião. Todos os meios contribuem para a construção da personalidade, pois permitem que a criança assuma comportamentos distintos em situações distintas. Não é admitida por Wallon a ideia de que a criança é resultado do meio, visto que ela interage, modifica e é modificada reciprocamente pelos vários meios. Por causa disso, Wallon defende que o estudo da criança deve ser também o estudo de seu contexto (WALLON, 2007).

Para o estudo da criança completa, concreta e contextualizada, Wallon delimitou quatro campos: Afetividade, Movimento, Cognição e Pessoa. Este último campo envolve todos os outros e é simultaneamente um campo com sentido em si próprio, uma vez que é dotado de particularidades. Nosso enfoque recairá sobre ele, por se constituir na sede da construção da identidade ou consciência de si.

³ Na teoria psicogenética de Wallon, sincretismo evoca confusão.

Conforme já dito, o desenvolvimento parte de um estado de total socialização rumo a uma crescente diferenciação, que nunca está completa, mas é refinada conforme as possibilidades do meio e o grau de apropriação do sujeito em relação a elas. Esta diferenciação inerente à construção da personalidade se dá ao longo de toda a vida. Contudo, ela se acentua em determinados estágios do desenvolvimento: o *personalismo* e a *adolescência*. Abordaremos o *personalismo*, visto que nosso objetivo está voltado para as crianças em idade de creche.

O *personalismo* contempla em média os três aos seis anos de idade e é um período marcado pelo duplo movimento de expulsão e incorporação do outro. Os comportamentos geralmente assumidos por crianças que se encontram nesse estágio são três. Primeiro, tem-se uma fase considerada mais negativa, a *oposição*, processo pelo qual a criança se opõe a tudo aquilo que julga como diferente de si, ou seja, o *não eu*. É importante lembrar, entretanto, que nem sempre este comportamento tem um conteúdo específico; algumas vezes ele se dá pelo simples exercício e desejo de afirmação. Depois, a criança vivencia a *idade da graça* ou *sedução*, adotando posturas cujo objetivo é cativar e encantar o seu alvo, movida pela necessidade de ser admirada e bem quista. Por último, a criança se prepara para *imitar*. Ela imita tudo aquilo que deseja ser, incorporando comportamentos e posturas das pessoas significativas de seu convívio.

Dessa maneira, é possível afirmar que a construção da consciência de si se dá nas e pelas interações que a criança estabelece com o outro significativo (professores, pais, amigos etc.). Como sabemos, a criança na fase do personalismo precisa se sentir admirada para admirar a si própria, precisa se sentir bem quista para construir uma autoimagem satisfatória.

Não é demais lembrar que as emoções, a origem da consciência,

só constituem o ponto de partida de sua consciência pessoal **por intermédio do grupo** onde elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais sem os quais ser-lhe-ia impossível operar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e dele mesmo. (WALLON, 1995, p. 277, grifos nossos)

Por isso, a depender da maneira como a criança negra é tratada, vista e representada por pessoas de seu convívio, sua percepção sobre si mesma poderá ser positiva ou negativa.

Nesse sentido, uma reflexão a respeito do trabalho pedagógico desempenhado por educadores no âmbito da creche se faz imprescindível para o estabelecimento de uma atmosfera saudável para o pleno desenvolvimento da criança, em especial, para a valorização, pela criança, das suas características decorrentes do seu pertencimento étnico-racial.

A leitura de trabalhos como os de Rosemberg (1996) e Rosemberg e Pinto (1997) foram importantes para contextualizar num panorama mais amplo as discriminações de que são vítimas as crianças negras (e geralmente pobres), enquanto pesquisas como as de Godoy (1996), Cavalleiro (1998), Oliveira (2004) e Trinidad (2011) que enfocaram essas discriminações no cotidiano da creche e/ou da pré-escola, já trazidas na Introdução deste artigo, revelaram as circunstâncias negativas nas quais as crianças negras constroem suas identidades.

Esta pesquisa bibliográfica foi imprescindível para compreender a complexidade do processo de construção da identidade das crianças, que se dá nas interações concretas que elas estabelecem com outras pessoas, que podem ser permeadas por atitudes discriminatórias.

Conclusões

Vimos que, embora o direito a uma educação integral esteja garantido por lei, muitos impasses ainda persistem para que esse direito seja efetivado na prática cotidiana das instituições de Educação Infantil de nosso país. Nessa perspectiva integrada de desenvolvimento, vários aspectos, como a construção da identidade, terminam sendo prejudicados e, como sabemos, são as crianças negras e pobres as que sofrem mais fortemente as consequências da desigualdade econômica e social.

A presença de práticas discriminatórias em relação a crianças negras por parte de professores, colegas e outros profissionais no âmbito da creche já foi atestada por diversos pesquisadores. Tais comportamentos levam as crianças negras a perceberem como negativos os atributos que revelam o seu pertencimento étnico-racial e expressarem o desejo de assemelhar-se às pessoas brancas (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2011; GODOY, 1996; SOUSA, 2002, apud OLIVEIRA, 2004, p. 44; e TRINIDAD, 2011).

As possíveis explicações para o fato de crianças negras em idade creche desejarem ser o que não são - isto é, brancas - podem ser melhor amparadas a partir da teoria psicogenética

de Wallon (2007). Para esse autor, durante a fase do personalismo (que contempla geralmente os três aos seis anos), a criança assume determinados tipos de comportamento provocados pelo desejo de aprovação social e afirmação de si. Logo, se não obtiver a aceitação e aprovação do outro, ela dificilmente poderá sentir-se admirada, sentindo-se bem como ela é (CRUZ e SCHRAMM, 2010). Esses dois últimos fatores são indispensáveis para a construção de uma boa imagem de si. Por isso, é imprescindível que a criança negra se sinta valorizada nas suas características físicas e representada nos e pelos meios (materiais e imateriais) com os quais interage.

Isso pode se dar de diversas formas: desde a formulação de propostas e práticas político-pedagógicas que visem não só a valorização do pertencimento étnico-racial, mas a problematização da diversidade como um todo, até a elaboração e disponibilização de materiais que ressaltem a pluralidade das formas de ser e estar no mundo, por meio de livros, brinquedos, painéis, desenhos etc.

É necessário, portanto que o educador se aprofunde no conhecimento acerca da construção da identidade das crianças (principalmente sobre o complexo processo de construção da consciência de si pela criança) e reflita criticamente sobre as questões referentes à discriminação étnico-racial, visando sempre a melhoria de suas práticas pedagógicas por meio da promoção do desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor de seus educandos.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: Maria Aparecida Silva Bento. (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos jurídicos, políticos e conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, v. 1, p. 47-61.

BARROS, Z. dos. S. et al. **Educação e relações étnico-raciais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1998.

CRUZ, S. H. V; SCHRAMM, S. M de O. **O ponto de vista da criança.** São Paulo: Revista Educação, 2010.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GODOY, E. A. de. **A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo de caso à luz da teoria piagetiana.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

KAPPEL, M. D. B., CARVALHO M. C. e KRAMER, S. Perfil das crianças de 0 a 6 anos que freqüentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2001, n. 16.

OLIVEIRA, F. de. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas pedagógicas produzem e revelam sobre a questão racial?** Dissertação (Mestrado). São Carlos, SP. Universidade Federal de São Carlos, 2004.

PEREIRA, S. T. **Pelo direito à creche: uma análise da ação Brasil Carinhoso e da expansão do atendimento no estado do Paraná nos anos de 2012 a 2015 (p. 55 a 72).** DISSERTAÇÃO (Mestrado). Setor de Educação. UFPR. 2017.

ROSEMBERG, F. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, n. 96, p. 58-65, fev. 1996.

ROSEMBERG, F. e PINTO, R. P. Criança pequena e raça na PNAD 87. **Textos FCC.** São Paulo: FCC, 1997.

TRINIDAD, C. T. **Identificação étnico-racial em espaços de educação infantil.** 2011. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WEREBE, M. J. G. e NADEL-BRULFERT, J. **Henri Wallon: Psicologia.** São Paulo: Ática, 1986.